

A IMPORTÂNCIA DA SIMBOLIZAÇÃO DE AFETOS NA RELAÇÃO MÃE E FILHO

HÉLVIA CRISTINE CASTRO SILVA PERFEITO¹

KATHERINE POHL²

LUMA DE OLIVEIRA³

Resumo:

Esse trabalho busca refletir sobre a importância da simbolização dos afetos na relação entre mãe e filho (como o ódio materno, por exemplo). Apresentou-se o papel feminino na sociedade e os sentimentos que envolvem a mulher diante da maternidade ou possibilidade dela. O trabalho é baseado pela teoria psicanalítica e recorreu-se a uma pesquisa bibliográfica, pesquisa em prontuários e relatos registrados de casos atendidos por duas estagiárias de Psicologia da Clínica Escola da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em 2012. Além disso, foram utilizados trechos do filme “Precisamos falar sobre Kevin” que dialogaram com o tema proposto, ampliando a discussão. Viu-se como conclusão que existe no ódio uma potente função estruturante do aparelho psíquico humano, sendo ele apontado por alguns autores como necessário inclusive para estruturação do amor materno. E para tal, é importante que o sentimento seja trabalhado desde o início das relações, para ser adequadamente movido nessa direção constitutiva e do desenvolvimento de uma psique saudável em vez de recorrer a saídas como a agressividade, desmistificando assim a ideia social e moral de que não se pode senti-lo.

Palavras-chave: atendimento psicoterapêutico; configurações familiares; ódio materno; afetos não simbolizados.

1. Psicóloga e Psicanalista na Clínica Psicológica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Rua Ceará, s/n, Bloco 2C, Campus Umuarama, Uberlândia, Minas Gerais. CEP 38400-902. helviacristine@yahoo.com.br

2. Psicóloga e mestranda em Psicanálise e Cultura no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Rua Ceará, s/n, Bloco 2C, Campus Umuarama, Uberlândia, Minas Gerais. CEP 38400-902. kathe.pohl@gmail.com

3. Psicóloga no Centro de Atenção Psicossocial - álcool e outras drogas do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (CAPS ad - HC/UFU). Rua Genarino Cazabona, 826, bairro Luizote de Freitas, Uberlândia, Minas Gerais. CEP: 38414-294. lumadeoliveira.udi@gmail.com

Abstract:

This work aimed to reflect about importance of affection's symbolization in a relationship between mother and child (thinking in feelings like maternal hatred, for example). It was presented the women's place in society and the many feelings involving her on maternity or possibility of it. This is based on psychoanalytic theory and was done a literature review and research in psychologic records and reports of cases treated by two Psychology students in Clinical School of the Federal University of Uberlândia, at 2012. Besides that, there was done an articulation of cases and theory with excerpts of the movie "We need to talk about Kevin", whose scenes can broaden the proposed discussion. It was seen as a conclusion that there is a powerful structuring function of the human psychic apparatus in hate, being pointed out by some authors like necessary including for structuring of maternal love. And for this, it is important that the feeling can be worked from the beginning of the relationships, to be properly moved in this constitutive direction and development of a healthy psyche rather than resorting to outputs such as aggression, thus demystifying the social and moral idea that the people can't feel it.

Index terms: psychotherapeutic treatment; households; maternal hatred; affects not symbolized.

INTRODUÇÃO

A mudança da configuração familiar no decorrer dos tempos, o lugar ocupado pela figura feminina na contemporaneidade e o que esse lugar desperta na mulher-mãe da atualidade são temas tratados nesse artigo em articulação com observações de atendimentos psicoterapêuticos realizados pelas autoras deste trabalho. Dentre os aspectos observados, está a presença de conflitos diante da maternidade, principalmente quando não planejada, e a presença do ódio nas relações, que pode trazer sofrimentos quando não simbolizado. Os atendimentos e reflexões decorrentes dos mesmos demonstraram a importância da aceitação dos próprios sentimentos pelos sujeitos, certas vezes indizíveis ou negados pela sociedade.

Esses atendimentos foram feitos por duas estudantes de Psicologia em estágio supervisionado por uma psicóloga na Clínica Escola de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (CLIPS - UFU), seguindo o Modelo de Atendimento Psicoterapêutico Conjunto Pais-Crianças, com base no método psicanalítico.

Ao longo dos atendimentos, as estagiárias perceberam a importância de conversar entre si sobre o que era vivenciado nas sessões e adotaram, assim, o hábito de nomear e conversar sobre sentimentos e outros elementos ao fim das sessões para assimilar certas questões que as perpassavam, cuidar uma da outra, e trocar as percepções em relação aos casos, o que contribuía bastante com o desenvolvimento destes.

Além disso, as supervisões dos atendimentos eram realizadas semanalmente. Nesse espaço, pôde-se perceber a importância de se trabalhar com os “não ditos” e torná-los ditos. Assim, a comunicação ganhava a extensão do campo de afetação (afeto, corpo e linguagem), que consiste na palavra falada, nas sensações captadas pelos sentidos e aprisionadas no corpo, no registro escrito do observador, e nas suas múltiplas variações (Paravidini et al., 2008 citado por Abdala et. al, 2011).

Com essa forma de trabalho, as estagiárias puderam observar como algumas famílias estão se estruturando e funcionando na atualidade, levantando a questão de como se distribuem os papéis e as funções paterna e materna na família contemporânea, após algumas transformações sociais.

Wagner et. al (2005) discorrem sobre a entrada das mulheres no mercado de trabalho e sua maior participação no sistema financeiro familiar, colaborando para a configuração de um novo perfil da família atual. Em contraponto à estrutura familiar tradicional, com o pai como

único provedor e a mãe como única responsável pelas tarefas domésticas e cuidado dos filhos, atualmente está ocorrendo um processo de transição, onde se percebe uma divisão de tarefas, na qual pais e mães compartilham compromissos com os filhos e a organização do dia-a-dia da família.

Sobre a questão feminina, entende-se que a mulher vem ocupando vários lugares e funções simultaneamente na sociedade, dentro e fora do lar, diferentemente do que se tinha anteriormente. Com isso, desperta-se a preocupação em relação às consequências dessas demandas diversas para as mulheres, tanto no que diz respeito a desgastes físicos quanto emocionais, e pensa-se que com isso, a maternidade, que antigamente parecia ser a principal preocupação de uma mulher, pode acarretar maior peso quando não é vista como prioridade.

Apesar de ser o sonho de várias mulheres e da singularidade da experiência, a maternidade não é uma tarefa fácil e pode despertar em uma mulher sentimentos que a sociedade prefere ocultar ou disfarçar, às vezes sem maior entendimento.

Moraes (2010) levanta essa questão realizando uma busca das variadas concepções de maternidade e retrata que nem sempre o ideal da maternidade romântica - em que “acredita-se que toda mulher deseja naturalmente ter filhos e ama-os desprendidamente acima de si mesma” (Rodrigues, 2008 citado por Moraes, 2010, p. 6) – é uma condição reproduzida como se fosse algo natural. A autora (2010) mostra o dilema da maternidade frente a uma perspectiva de gênero que questiona o ideal do amor materno em contraposição aos sentimentos mais adversos em relação ao que é imposto pela moral social como regra para a condição feminina.

No âmbito da relação entre filho e mãe, Meyer (2005, citado por Moraes, 2010) discute a politização da maternidade, em que o corpo, os comportamentos, as habilidades e os sentimentos maternos se tornam grande alvo de vigilância, e existe um movimento que atribui especialmente à mãe a responsabilidade de gerar e criar seres humanos perfeitos, sobrecarregando a mulher nessa experiência.

A gravidez pode ser subjetivada de diferentes maneiras pelas que a vivenciam. Há mães que não suportam sua gravidez, dão à luz filhos indesejados, querem se ver livres dos mesmos, afastam-se deles, e veem suas vidas arruinadas com a vinda de um bebê. Nessas situações, há claramente um sofrimento nas relações, que se não for expresso por meio do discurso, poderá se agravar e atravessar a relação e o desenvolvimento da criança envolvida. Em menção ao filme “Precisamos falar sobre o Kevin”, Bacelete e França (2012) discorrem

sobre a reação de uma criança à falta de investimento materno com rebeldia e raiva, em uma busca velada por contenção, retratando um prejuízo psíquico desencadeado pela falta de simbolização e nomeação de afetos.

Em complemento, segundo Mannoni (1999), o sintoma se encontra no lugar de uma palavra que está faltando; o sintoma apresenta uma palavra através da qual o sujeito aponta, de modo enigmático, a maneira de se situar perante toda relação de sujeito. Para a autora (1999), "o sintoma torna-se uma linguagem cifrada cujo segredo a criança conserva diante disso; a verdade da criança é, muitas vezes, escondida na doença ou no sofrimento" (Mannoni, 1999, p. 20). E Oliveira et. al (2006) apresentam a formação de sintomas e manifestações psicossomáticas como reflexos de relações permeadas pelo empobrecimento do simbólico.

Diante desses elementos, surge o questionamento se haveria lugar para manifestação de cansaço, ódio, raiva e variados anseios diante das atuais composições familiares e sociais, e além disso, se haveria um lugar para compreensão desses sentimentos principalmente por parte das mulheres, entendendo que por vezes esses mesmos sentimentos podem ser estruturantes da condição humana. Os mencionados sentimentos parecem tender a serem negados pelos indivíduos e caracterizados por um aspecto destrutivo. No entanto, alguns estudos mostram que o ódio, por exemplo, se apresenta como condição necessária para a constituição psíquica do sujeito e está revestido de uma dimensão positiva.

Segundo Barros e Rocha (2010), o ódio é uma força psíquica vital e se constitui como elemento de afirmação e conservação da vida, na medida em que funciona como meio de preservação psíquica. Ele viabiliza a separação e movimentação, ao mesmo tempo em que permite uma abertura para o movimento gregário do amor que demanda apagamento da alteridade (Barros & Rocha, 2010). Os autores (2010) complementam afirmando que o ódio é cúmplice da subjetividade e tem função de estruturação na formação do aparelho psíquico.

Confirmando essa ideia, Benhaïm (2007), aponta o ódio como necessário enquanto estruturante do amor. A autora afirma que "o ódio é o que poderia estruturar o amor materno como um amor que autoriza a criança a viver" (Benhaïm, 2007, p.13).

Segundo Benhaïm (2007), dar a vida supõe um luto não apenas da criança no útero, mas também daquela que acaba de nascer. Ter um filho é justamente não mais o ter. Da impossibilidade da fusão mãe/filho é que emerge o ódio imaginário, que adianta-se ao amor. Da necessária desfusão, do reconhecimento num retorno ao feminino há a substituição do

ódio suficientemente bom, simbólico, que não inclui a agressividade como registro de violência. É a desilusão que precede essa desfusão. Mãe e filho têm que iniciar o luto de um e de outro. Para cada um, o objeto está para sempre perdido. Inicialmente, a criança não tem o objeto, ela é o objeto, e, no caso, perdido.

“Progressivamente, em nuances, a ilusão, para a criança, de estar unida à mãe, a ilusão em eco, para a mãe, de fazer um com o filho se perdem e preparam a criança para a ‘capacidade de estar só’, isto é, inteira, outra e sexuada” (Benhaïm, 2007, p. 17).

Em relação àquele ódio destruidor, a autora (2007) aponta que este incide na ausência, no vazio, na falta de palavras e sem razão, no insuportável e injusto, no não simbolizado. Esse ódio aparece constantemente na situação analítica, segundo Barros e Rocha (2010), exigindo acolhimento, circulação, e um bom trabalho de simbolização, para que seja possível fazer uso de seu vigor pulsional, sendo esta uma tarefa à qual os psicanalistas são irremediavelmente lançados.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa retratada no artigo caracteriza-se como qualitativa, de campo e documental. Seu desenvolvimento baseou-se na busca de arquivos da Clínica Escola de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (CLIPS-UFU), como prontuários atualizados e relatos de alguns casos atendidos pelas autoras deste trabalho em desenvolvimento do estágio “Psicanálise Institucional: Práticas Clínicas” durante o ano de 2012.

O setting terapêutico era composto por uma estagiária de função coordenadora, que fazia as intervenções de forma mais ativa durante condução dos casos e uma estagiária de função observadora e redatora, que tentava transmitir em relatos o trabalho e as implicações ocorridas naquele espaço, para que a dupla pudesse pensar melhor a respeito posteriormente. Dessa maneira, os relatórios e os prontuários utilizados como fonte eram ricamente detalhados com cenas e falas dos atendimentos redigidos pela “observadora” que por vezes os complementava com impressões e sentimentos próprios e de sua dupla “coordenadora”, sendo a prática supervisionada por uma psicóloga da instituição.

Assim, para a pesquisa os relatos clínicos e os registros realizados durante supervisões pelas estagiárias foram lidos criteriosamente e interpretados com embasamento teórico do

método psicanalítico. Esse método se sustenta por meio de conceitos como “inconsciente” e “transferência” e vale-se de técnicas como escuta analítica e interpretação, na busca da verdade como desvelamento e na relação que se dá entre sujeito consciente e sujeito inconsciente (Rezende, 2000 citado por Abdala et al., 2011).

Quanto aos casos participantes da pesquisa, a amostra corresponde a duas famílias atendidas no referido estágio. Uma delas é composta por uma mãe que na época dos atendimentos tinha 24 anos de idade e seu filho de cinco anos. A segunda família era composta por um casal, com os dois na faixa de 40 anos, e o filho deles, também de cinco anos. As queixas variavam entre agressividade, desobediência, medos noturnos e agitação das crianças. E ressalta-se aqui que os nomes usados para representar esses sujeitos serão fictícios, no intuito de proteger suas privacidades.

Ao entrar em contato com os detalhes dos casos clínicos, as alunas puderam despertar-se para características que marcaram as famílias atendidas e articular suas vivências com teorias que embasassem suas percepções.

Além de buscar tais teorias, as estudantes também recorreram a um filme assistido por elas durante a vigência do estágio: “Precisamos falar sobre o Kevin”, de Lynne Ramsay. Foram utilizadas cenas deste filme para remeter a passagens dos atendimentos e gerar uma compreensão maior do que está sendo trazido e discutido.

Em seguida, foi realizada uma discussão e reflexão sobre os atendimentos realizados e percepções geradas sobre os mesmos, tratando de temáticas como relações familiares/vinculares, ódio e demais sentimentos às vezes não simbolizados e não significados nas relações humanas, bem como a importância de um Outro na constituição saudável de um sujeito, implicando que esse Outro realize essa significação necessária e invista no sujeito.

Com as bases mencionadas do artigo, foi possível levantar questionamentos e desenvolver um trabalho de caráter qualitativo, tendo como base teórica, como mencionado anteriormente, a Psicanálise. Pode-se dizer que o método psicanalítico convida a pensar, a refletir, e propõe um espaço de escuta diferenciada do sofrimento psíquico, dos discursos e das relações humanas.

DISCUSSÃO

A partir da busca feita nos relatos dos casos atendidos, nas anotações feitas nas supervisões e discussões, a revisão bibliográfica e a articulação com o filme “Precisamos falar sobre o Kevin”, conseguiu-se apreender exemplos que retratam claramente alguns aspectos das relações familiares como a questão do amor e do ódio materno, a marcante vivência da gravidez para as mães, e as consequências de afetos maternos não simbolizados para a criança e a mãe.

Uma das famílias atendidas foi Vânia (mãe), José (pai) e Pedro (filho, 5 anos). A família foi atendida de março a dezembro de 2012, com intervalos devido a uma greve dos técnicos da Clínica e à necessidade de repouso de Vânia diante de complicações em sua segunda gravidez, cujo início foi em abril. A família compareceu aos atendimentos com as queixas de que Pedro tinha resistência em ir à escola, possuía muitos medos, rangia os dentes, roia as unhas, e que o casal discordava muito quanto à criação do filho. Após dois meses de atendimento, Vânia descobre que está grávida e sua gravidez se torna de alto risco, demandando algumas semanas de repouso. A família volta após esse intervalo, e algumas de suas demandas se alteram. Vânia retorna aos atendimentos com aspecto abatido, entristecida e contando sobre a gravidez, conforme os recortes de relatos abaixo retratam:

“Vânia retoma sua fala sobre a gravidez, dizendo que foi um susto e que não esperava. (...) Ela nos diz que quando soube que estava grávida sua primeira reação foi culpar José, dizendo: ‘olha o que você fez, seu incompetente... opa, não! Seu inconseqüente!’(sic). Mas ela fala que José ficou feliz com o resultado. (...) A coordenadora do atendimento diz: ‘é uma mistura de surpresa, susto, medo...’ e Vânia: ‘de alegria também, né? Por que não deixa de ser...’ (sic), mas diz isso sem vida, sem alegria” (relatos do 9º atendimento).

“Vânia diz que pelo seu momento atual se sentiu a mais azarada das mulheres. Ela diz que não pode deixar seu emprego, que o bebê não poderá ficar com sua mãe, e que não sabe o que irá fazer. Fala com pesar ‘justo agora que o Pedro ia para uma escola melhor... agora terá que ficar na mesma escola’ (sic). Ela chora e diz que tinha que tomar cuidado com esse sentimento porque ‘o que a mente rejeita, o corpo rejeita’. Ela também conta que o novo bebê tem um quatinho, mas que nem consegue entrar no quarto para arrumá-lo” (cena do 10º atendimento).

“Vânia conta que há um tempo percebe que há algo de errado com ela, mas não consegue identificar o que é. Ela começa a chorar e nos conta que as lágrimas vêm por causa de uma sensação de culpa. E diz: ‘filho vem com estria e culpa’ (sic)” (extrato do 12º

atendimento).

“Vânia diz que está difícil se permitir ser mulher e mãe de seus filhos. Diz que nunca pôde ser mãe de Pedro de fato. (...) Ela faz uma comparação com a irmã dizendo que esta pediu demissão no emprego para ficar com o filho, e ela achou isso uma loucura e perguntou para a irmã como ela tinha feito isso, e sua irmã respondeu que se não fosse assim, ela perderia momentos importantes do desenvolvimento de seu filho, como os primeiros passinhos. Vânia diz que isso a tocou, mas que nunca teve isso com Pedro. Em seguida, uma brincadeira de Pedro chama a nossa atenção. Ele chama a aluna que está coordenando a sessão para brincar de fantoches e pede para ela colocar um fantoche dentro da barriga do outro. A brincadeira de fantoches grávidos vai se transformando em uma história de vampiros e medos” (extrato do 12º atendimento).

Nas cenas acima, pode-se perceber que Vânia estava tendo dificuldades em lidar com sua gravidez e em assumir sentimentos em relação a mesma. Para ela, a descoberta da gravidez foi momento de surpresa e decepção, e ela culpa o marido por tê-la engravidado. Nos atendimentos, as estagiárias apreenderam um sentimento de raiva e frustração de Vânia em relação ao novo bebê, acompanhados pela culpa de não desejá-lo. Ela pensava que sua rejeição poderia estar causando problemas orgânicos em sua gestação, e falava que tinha medo que as complicações aumentassem se ela falasse sobre essa raiva. Vânia não se entregava à gestação. Algumas de suas atitudes, tais como trabalhar como se estivesse em perfeitas condições físicas e recusar-se a arrumar o quarto do bebê, levam à suposição de que ela não queria admitir a gravidez e tinha dificuldades em investir emocionalmente nessa criança. É possível que esses sentimentos tenham sido apreendidos também por Pedro, que reproduz uma história de bonecos grávidos cheia de terror, vampiros e medo.

Como apresentado anteriormente, Rodrigues (2008) citado por Moraes (2010) mostra que há uma concepção difundida na sociedade sobre a maternidade romântica, onde a mulher deseja naturalmente ter filhos e os ama incondicionalmente, o que nem sempre é concretizado na realidade. E esse ideal social, muitas vezes, se reflete na culpa sentida pelas mães que não se encaixam no mesmo e na dificuldade destas em admitir o ódio e a frustração que sentem diante de uma gravidez indesejada.

Esses elementos também podem ser vistos na família do filme “Precisamos falar sobre o Kevin”, baseado no livro de Lionel Shriver (2007), que auxilia na reflexão sobre alguns aspectos envolvidos em uma gravidez indesejada e a relação de um ódio velado entre mãe e

filho. No filme, Eva é uma escritora de guias turísticos nova-iorquina, casada, que engravida de seu primeiro filho, Kevin. Eva rejeita a gravidez, e descreve sua gestação assim: “Já reparou quantos filmes retratam a gravidez como uma infestação, uma colonização sub-reptícia? O Bebê de Rosemary foi só o começo. Em Alien um extraterrestre nojento sai da barriga de John Hurt (...). Durante todo o tempo em que estive grávida de Kevin, combati a ideia de Kevin, a noção de que eu havia sido rebaixada (...) de proprietária a imóvel em si”.

A fala de Eva retrata a maneira através da qual algumas mulheres concebem sua gestação, como algo que as viola, as invade e as fazem perder o controle sobre o próprio corpo. Para a psicanalista Deutsch (1944 citado por Corso & Corso, 2011), há mulheres que desde o início das gestações sentem “uma espécie de despersonalização na relação com seu filho; tais mulheres dedicam seus afetos a outros valores ou esse afeto é demasiado pobre ou ambivalente em sua origem e não pode tolerar uma nova carga emotiva” (p. 48), seu eu fica empobrecido e limitado. Percebeu-se que Vânia também vivenciou uma gestação com essas características, ainda que de maneira mais suave que a personagem, se mostrando abatida, entristecida e desligada emocionalmente da criança.

Segundo Corso e Corso (2008), a profissão da personagem Eva metaforizava seu modo de relacionar-se: ela escrevia guias com dicas para que as pessoas viajassem com o menor incômodo possível, gastando pouco e sem envolver-se em contratempos. Essas características retratam elementos valorizados pela contemporaneidade, como evitação da dor e busca por prazeres, mas Eva não conseguia escapar desses fatores na maternidade.

Vânia também não conseguiu escapar de contratempos em sua gravidez. Ela trabalhava como fiscal, visitava vários locais da cidade todos os dias, não se prendia a um lugar fixo e afirmava estar feliz em seu emprego. Mas com a gravidez se viu obrigada ao repouso, ao abandono de sua rotina e diante da ameaça de perder seu emprego. A maternidade, desde cedo, já a fez renunciar elementos valorizados na contemporaneidade, como o esforço na inserção no mercado de trabalho, a aceleração cotidiana e a evitação da dor. Seu corpo começou a ser regido pelas necessidades do bebê, e ela resistiu a isso ao ponto de só admitir o repouso quando estava a ponto de perder o bebê. Em uma sociedade cuja passagem fugaz pelas experiências, a busca pela satisfação, a fuga do envolvimento, o cultivo do imediatismo, a busca pelo prazer e a evitação da dor são valorizados, o processo de uma gravidez pode ser vivenciado com conflitos, diversidade de sentimentos e frustrações.

Como apresentado, Rodrigues (2008) afirma que a maternidade carrega um grande

dilema na presença simultânea de “amor e ódio, alegria e sofrimento”. (Rodrigues, 2008 como citado em Moraes, 2010, p. 9). Entretanto, Benhaïm (2007) aponta o ódio como necessário enquanto estruturante do amor.

A mãe precisa aceitar seus próprios sentimentos de ódio pelo filho, para que esse ódio não se precipite em violência. Quando esse ódio permanece no campo do não elaborável, o movimento do ódio não pode engajar-se ou se engaja em excesso. A autora (2007) afirma que quando isto ocorre

o movimento ambivalente de amor e ódio em relação a esta criança, reconhecida como outro, não engendraria a separação, mas, ao contrário, esta criança, que corre o risco de mostrar-se já separada, rompendo brutalmente o charme do encantamento, só poderia ser odiada, e até mesmo destruída ao mesmo tempo em que ameaça destruir sua mãe (Benhaïm, 2007, p.16).

Como mencionado, a paciente Vânia estava com dificuldades em elaborar e assumir sua ambivalência em relação a sua gestação. Entretanto, as alunas que coordenavam e observavam as sessões perceberam que ela iniciava um processo de elaboração sobre os efeitos da gravidez em sua vida e seus sentimentos em relação à mesma em um espaço que ela considerava acolhedor, no qual podia assumir e elaborar suas vivências e sentimentos, o espaço psicoterapêutico.

Em contrapartida, dialogando com o filme, tem-se que a relação entre Eva e Kevin é um processo em que a ambivalência materna não é elaborada. O ódio se precipita em um relacionamento mediado por violência, rivalidade, e ao mesmo tempo por uma fusão entre mãe e filho. Ao nascer, Kevin não recebe o colo da mãe, e desde o começo estabelece-se um duelo entre os dois. Ele rejeita seu leite, chora de forma incessante, e ela prefere o barulho de uma britadeira ao som do choro do filho. Na primeira infância, Kevin não falava e ainda usava fraldas, o que sua mãe via como uma maneira de controlá-la. Kevin é perverso e cínico durante a trama, e sua maior perversidade é quando em sua adolescência assassina sua irmã, seu pai e alguns colegas da escola. Ele é condenado à prisão, e Eva é punida pela sociedade e perseguida pelos crimes de seu filho. Conforme sustentado por Corso e Corso (2008), os dois vivem um pelo outro, mas, o filho finalmente tem sua missão cumprida: destruir a identidade da mãe.

O ódio restrito ao campo do não-dito, do não-elaborado pode transformar-se em um ódio destruidor. Na relação entre Eva e Kevin nota-se esse ódio, que começa desde a gestação

e não é elaborado no decorrer de suas vidas, o que torna a relação permeada por agressividade, disputa, vazio e ausência. O exemplo do filme traz angústia e deixa clara a importância de se pensar e simbolizar a ambivalência materna.

Outro caso clínico pode auxiliar na reflexão sobre os efeitos de um ódio não-elaborado. Márcia (mãe) e Bruno (filho, 5 anos) foram atendidos de Maio a Junho de 2012, e a interrupção do tratamento ocorreu devido à mudança nos horários de trabalho de Márcia e consequente incompatibilidade de seus horários com os das estagiárias. A família (Márcia e uma tia de Bruno) se queixa de que Bruno é agressivo, bate e xinga as pessoas, principalmente sua mãe. A primeira sessão ocorre com Bruno e sua tia, que relata que “em sua casa Bruno é tranquilo, mas com a mãe dele é agressivo e ela frequentemente perde a cabeça e bate nele (sic)”. Ela complementa dizendo que “Márcia não consegue dar amor e carinho, por isso ele deve ter essa rebeldia (sic)” (extratos do 1º atendimento).

As sessões seguintes ocorrem com Márcia e Bruno:

“Márcia diz: ‘Eu não dou conta dele. E bato nele’(sic). (...) Márcia tenta explicar como Bruno é agressivo, dizendo que ele a xinga de ‘coisas pesadas’ (sic), como vaca e filha da puta por ‘coisas pequenas’(sic). Uma das alunas pergunta se a agressividade dele com ela é física também e Márcia responde que sim, que ele a morde e bate nela” (extratos do 2º atendimento).

“Ao se dirigirem de volta à recepção, Bruno sobe em um murinho e anda se equilibrando sobre ele. Se Bruno caísse, poderia se machucar, pois um dos lados do muro era muito distante do chão. Ele está descalço e com uma das mãos segurando a mão de Márcia. Bruno avisa que irá pular do muro, eu penso que ele pode machucar o pé. Márcia não demonstra preocupação e não fala nada. Bruno pula e se machuca. Imediatamente ele começa a chorar e a chutar Márcia. Ela briga com ele e o segura no colo para contê-lo, mandando-o parar de bater nela” (extratos do 2º atendimento).

“Márcia diz :’eu sou a mãe, né?! Tenho que suportar’(sic). (...) Após um tempo, Márcia diz que tem vez que ela tem vontade de ficar livre de tudo. A aluna em função de psicoterapeuta questiona: ‘De tudo? Do trabalho? Do Bruno?’. E Márcia responde: ‘É! Do Bruno, da minha vó... Não aguento mais’ (sic). Márcia fala que mãe sempre tem expectativas em relação ao filho, mas que o filho nunca vai ser igual a mãe quer.” (extratos do 3º atendimento).

Durante as sessões, ela demonstra muita irritação com Bruno. Ela diz que há dias em

que ele passa chorando o dia todo, e ela tem vontade de trabalhar todos os dias, pois a convivência com ele é muito difícil.

A partir destas cenas e dos demais atendimentos, as estudantes de Psicologia puderam perceber uma relação de raiva, tensão e agressividade entre Márcia e Bruno. Bruno era fruto de um matrimônio no qual Márcia era agredida, traída, e foi abandonada. Márcia mostra ter mágoa e raiva do ex-marido, e traz uma identificação forte entre Bruno e seu ex-marido, dizendo que se parecem no jeito e na aparência. Bruno demonstra sentir a raiva que é sentida pela mãe, respondendo a isso com agressões contra ela e outros.

Bonnet (2008 citado por Bacelete & França, 2012) afirma que quando uma criança é submetida à violência, indiferença ou ausência, uma das vias que ela encontra para liberar a energia recebida desses vínculos é o fomento de vingança, que o fará impor a outros objetos o sofrimento experimentado. O autor diz que a agressividade desta criança também pode significar uma tentativa de ligação afetiva. Ao projetar o que passou, ela busca um objeto que acolha a mensagem contida em sua compulsão, auxiliando-o a decifrá-la.

Ao contrário do que pode-se pensar, estes atos podem indicar mais uma busca por contenção (ou continência) do que propriamente rebeldia. A continência que pode e deve ser exercida pelo adulto é um modo de dar um destino às excitações, de oferecer formas de tradução a elas (Bonnet, 2008 como citado em Bacelete & França, 2012).

Winnicott (1950) destaca o desempenho materno nos impulsos agressivos da criança, mostrando a importância de o objeto primário suportar a violência que a criança lhe dirige, ajudando-a a incluir tais impulsos em processos mais construtivos. No último caso clínico apresentado, percebe-se que essa contenção materna dos impulsos agressivos da criança não ocorria. Bruno emitia sua agressividade e recebia como resposta mais agressividade. Márcia se angustiava com as demandas de Bruno, não o acolhia ou respondia a elas, e queria fugir desta angústia indo para o trabalho e ficando menos tempo com o filho. Neste ponto, é possível fazer um novo diálogo com a relação dos personagens Eva e Kevin.

A agressividade de Kevin era tão perturbadora para sua mãe ao ponto desta desejar afastar-se do filho. Fazendo isso, ela não favorecia a transformação destes impulsos em meios simbólicos de lidar com a excitação (Bacelete & França, 2012). “Se o investimento libidinal de Kevin em sua mãe aparece às avessas, se o erotismo só pode aparecer na brecha do ódio, não seria por não terem nunca se falado sobre isto?” (Bacelete e França, 2012, p.8), o que nos faz questionar se o mesmo não acontece na relação entre Márcia e Bruno.

Benhaim (2007) afirma que “se o ódio vital origina-se da perda, da castração, o ódio destruidor repousa na ausência, no vazio (sem palavras, sem “explicações”, sem razão) insuportável e injusto” (Benhaim, 2007, p.13).

As relações entre mães e filhos retratadas pelos casos e pelo filme, cada uma com suas características e particularidades, expõem sentimentos que ultrapassam a idealização do amor incondicional e inato da mãe por seu filho. Elas mostram relações que podem ser permeadas por agressividade, falta de desejo, frustração, desprezo e vazio a partir de um ódio com potencial destruidor. E por tudo isso, foi de fundamental importância que essas mulheres retratadas nos casos encontrassem um lugar de escuta, elaboração e acolhimento de tais vivências.

Márcia e Bruno estiveram por pouco tempo nos atendimentos, mas através de contato telefônico posteriormente realizado para saber notícias deles e acordar forma de obter autorização para relato de seus atendimentos nesse trabalho, Márcia informou que havia mudado de cidade, estava bem, mas ainda via necessidade de procurar alguma ajuda psicoterapêutica para ajudar em sua relação com Bruno, pois acredita que há benefícios nesse trabalho, e ia pensar melhor em como se organizar para retomar com algum profissional esse cuidado.

Com o término do estágio das estudantes de Psicologia, os atendimentos de Vânia, José e Pedro continuaram com condução da psicóloga que supervisionava o estágio, que trabalhou por mais um tempo os aspectos intra e extrapsíquicos das relações nessa família, ouviu sobre a condição materna de Vânia, a função paterna de José e como Pedro e a outra criança estavam vivenciando esses contextos. Após contato para coleta de autorização para relato de seus atendimentos, Vânia informou que “tiveram alta”, que Pedro e a outra criança estavam indo muito bem e a angústia que sentia havia diminuído um pouco. Vânia diz que por mais que em alguns momentos ela ainda fique “meio perdida” quanto à criação de seus filhos, ela e José aprenderam a refletir e a se responsabilizarem pela forma que as questões deles afetam o desenvolvimento de seus filhos, podendo “se policiar”, agirem e escutá-los um pouco melhor.

RESULTADOS E CONCLUSÃO

Esse trabalho proporciona reflexão no sentido em que aponta conteúdos que são até mesmo tabus para grande parte da sociedade. Como já mencionado, percebe-se que em geral, as pessoas não admitem alguns sentimentos, atribuindo-os aspectos meramente negativos, como ódio e raiva, por exemplo, e se recusam a perceber ou falar sobre a existência deles nas relações. Assim, se faz necessária a ampliação de conhecimento e a desconstrução de certos conceitos já estabelecidos sobre as relações humanas.

Em relação à análise dos casos e à discussão proposta, pode-se considerar a importância de o ser humano buscar olhar para si, compreender-se e expressar seus afetos por via do discurso a fim da preservação de ambientes e relações, tendo o exposto do quanto afetos não significados e não simbolizados podem desencadear sofrimento e conflitos nas relações e no próprio corpo do indivíduo.

Além disso, é possível entender um pouco mais do que permeia o ódio. Apesar de ser um dos sentimentos socialmente e moralmente “negados” pela sociedade, viu-se que existe no ódio uma função estruturante do aparelho psíquico humano, sendo apontado por alguns autores como necessário inclusive para estruturação do amor materno, um amor que permite que a criança viva.

No entanto, apesar da existência de fatores vitais de um ódio necessário, fica a ideia de que esse sentimento deve sempre ser trabalhado desde o início das relações dos indivíduos, para que seja adequadamente movido na direção da constituição e do desenvolvimento de uma psique saudável, e não transformado em agressividade.

Por fim, ressalta-se que a articulação realizada até aqui só foi possível pela contribuição oferecida pelo método psicanalítico, que possibilita novos questionamentos e inquietações quanto à compreensão do ser humano e suas relações, gerando novos entendimentos, interpretações e possibilidades a serem trabalhadas. Tem-se que a Psicanálise é então feita no dia-a-dia, a partir de uma escuta e observação atenciosas aos fatores que perpassam os sujeitos em suas múltiplas configurações, como os afetos, os vínculos, a imersão no simbólico, entre outros arranjos a que esses recorrem na trajetória da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, A.T.C.P. et al. Estudo epidemiológico de casos clínicos da primeira infância

atendidos no estágio “Intervenções Psicoprofiláticas em Saúde Mental Infantil”. *Horizonte Científico*, 5 (1), 2011, p.1-28. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/8016/7085>. Acesso em: 20 jan. 2014.

BACELETE, L.; FRANÇA, C., P. Sobre aquilo que não se pode falar. Anais do *LEPPSIC - I Encontro Brasileiro de Psicanálise e Sedução Generalizada: Sofrimento Psíquico*, Maringá, MG, Brasil, 1, 2012. Disponível em: <http://www.ppi.uem.br/eventos/artigos/39.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2014.

BARROS, N.;ROCHA, Z. Ódio, cúmplice e subjetividade. *Anais do IV Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e X Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, mesa redonda “Os afetos que nos movem”*. Curitiba, PR, Brasil, 4, 2010. Disponível em: http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/posteres_iv_congresso/mesas_iv_congresso/mr51-neuma-barros-e-zeferino-rocha.pdf. Acesso em 24 jan. 2014.

BENHAÏM, M. *Amor e ódio – A ambivalência da mãe*. (I. B. Machado, Trad.) 2007, Rio de Janeiro: Cia de Freud. (Obra original publicada em 2003).

CECCARELLI, P. R. Novas configurações familiares: Mitos e verdades. *Jornal de Psicanálise*, 40 (72), 2007, p. 89-102.

CORSO, M.; CORSO, D. L. *A Psicanálise na Terra do Nunca: Ensaio sobre a fantasia*. Porto Alegre: Penso, 2011, 328p.

CORSO M.; CORSO, D. L. Um monstro no ninho. *Revista Associação Psicanalítica*, 34, 2008. p. 66-112. Disponível em: <http://www.apoa.com.br/download/Revista34-2.pdf> Acesso em: 17 fev. 2014.

OLIVEIRA, C. B., ROSA, C. R., BONATTO, T.; OLIVEIRO, N. M. O câncer como manifestação do não simbolizado. *Revista da SBPH*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 15-

29, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582006000100003&lng=en&nrm=is&tlng=pt. Acesso em: em 26 jan. 2014.

MANNONI, M. *A Criança, sua doença e os Outros*. 1999, São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria (cap. V).

MORAES, L. L. Maternidade: O sonho de toda mulher? *Anais do VII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero*. La Habana, Cuba, 7. 2010. Disponível em: http://arcaz.ppgte.ct.utfpr.edu.br/eventos/cictg/conteudo_cd/E8_Maternidade.pdf. Acesso em: 15 Jan. 2014.

SHRIVER, L.(Autor); RAMSAY, L (Diretor). *Precisamos falar sobre o Kevin*. [filme]2012.

WAGNER, A., PREDEBON, J. ; MOSMANN, C.; VERZA, F. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21 (2), 2005. p.181-186. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n2/a08v21n2.pdf>
Acesso em: 15 Jan. 2014.

WINNICOTT, D. W.. Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional. *Collected Papers: Through Paediatrics to Psycho-Analysis*. 1958. Trad. br.: *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.